

Lideranças católicas e políticas no interior de Minas Gerais: quando “o Partido não é mais aquele”

*Fabício Roberto Costa Oliveira¹
Arnaldo José Zangelmi²*

Resumo: Neste artigo analisamos o processo de formação político-religiosa e ascensão institucional de militantes do Partido dos Trabalhadores no interior de Minas Gerais, bem como as diferentes formas como esse processo foi interpretado por esses agentes. Para tanto, buscamos relacionar diversos depoimentos orais, documentos pessoais desses atores e atas das reuniões locais do Partido, assim como nos valem de referenciais teóricos sobre as relações entre religião e política, memória e identidade e movimentos sociais. Nessa perspectiva, pudemos perceber a existência de diferentes formas de lembrar o processo vivido por esses atores, relacionadas com suas diferentes posições no decorrer do tempo, demonstrando que experimentaram de maneiras diversas os processos sociais e políticos nas mobilizações e na ascensão ao poder institucional.

Palavras-chave: Catolicismo; Partido dos Trabalhadores; Política; Minas Gerais.

Catholic and political leaders in the interior of Minas Gerais: when “the Party is no longer the same”

Abstract: In this article, we analyze the process of political-religious training and institutional rise of militants from the Workers’ Party in the Interior of Minas Gerais, as well as the different ways in which this process was interpreted by these agents. To this end, we seek to list several oral testimonies, personal documents of these actors and minutes of local party meetings, as well as we use theoretical reference on the relationship between religion and politics, memory and identity, social movements, among others. In this way, we could perceive different ways of remembering the process experienced by these actors, related to their different positions in progress, demonstrating that they experienced different ways of social and political processes in the mobilizations and rise to institutional power.

Keywords: Catholicism; Workers Party; Policy; Catholicism; Minas Gerais.

¹ Professor da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: fabriciooliveira@ufv.br

² Professor da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: arnaldozan@yahoo.com.br

Introdução

Nas últimas décadas, tem chamado atenção a grande permeabilidade do campo político à inserção de agente religiosos, especialmente provenientes de grupos pentecostais emergentes, o que motivou parcela significativa dos cientistas sociais a se dedicarem a compreender as possíveis relações entre política e religiosidade (SELL, 2021). Para o senso comum pode parecer uma novidade que agentes religiosos encontrem em suas doutrinas e igrejas uma base para sua projeção política. Também pode parecer que esse movimento é exclusivo de grupos tidos como de direita e/ou conservadores, em grande ascensão na atualidade. No entanto, vale destacar como as relações entre política e religião no Brasil são mais antigas e amplas, colocando desafios tanto para a busca por sistematizações quanto para o desvendamento de especificidades em cada arranjo entre essas forças, em locais e épocas diferentes.

Buscando trazer alguma contribuição nesse sentido, nosso artigo investiga como certos agentes religiosos foram fundamentais na criação e consolidação do Partido dos Trabalhadores (PT), na década de 1980, discutindo como experienciaram dilemas relevantes sobre a fidelidade aos seus valores religiosos “basistas” ou adoção de maior pragmatismo político para ascensão e manutenção no poder.

A formação do PT contou com participação considerável de agentes católicos ligados às Cebds (Comunidades Eclesiais de Base) e à Teologia da Libertação³ (MENEGUELO, 1989; NOVAES, 2002). No contexto do processo de redemocratização da década de 1980, quando o PT foi formado, a parcela mais expressiva desse partido revelou-se nos grandes centros, fato que acaba por dar pouca visibilidade a agentes que se mobilizaram em pequenas cidades, com expressiva presença de trabalhadores rurais.

No interior de Minas Gerais, significativos diretórios do PT foram formados pela mobilização de participantes de Cebds do meio rural, o que configurou um “PT rural e eclesial”, constituído por agentes que têm uma identificação político-religiosa específica, em que vivências de trabalho rural, participações em atividades religiosas e experiências políticas estão imbricadas em um processo peculiar (OLIVEIRA, 2012; RABELO, 2019).

Neste artigo, analisamos a formação político-religiosa dos agentes sociais das comunidades rurais de Miraflores⁴ que fundaram o diretório do PT local. Para tanto, analisamos relatos orais, documentos pessoais desses atores e atas das reuniões do diretório local do Partido,

³ A Igreja Católica do Brasil, dentre as demais latino-americanas, foi a que melhor implementou o modelo de catolicismo da *igreja dos pobres*, pelo menos na década de 1970. Até os anos de 1980, quando o Vaticano desencadeou fortes investidas para conter os avanços desse modelo de catolicismo, as diretrizes e orientações hegemônicas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) baseavam-se pelos pressupostos da Teologia da Libertação, incentivando a formação de Cebds e dando forte suporte à organização das pastorais sociais. Uma análise mais aprofundada sobre a assimilação da *igreja dos pobres* pela Igreja no Brasil encontra-se em Mainwaring (1989) e Theije (2002). As Cebds são entendidas como grupos de católicos leigos organizados em torno de debates sobre leituras bíblicas, muitas das quais guiadas por uma reflexão sobre a realidade social e inspirada na Teologia da Libertação, cujo suposto é que os agentes devem atuar de forma efetiva contra desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2012).

⁴ Optamos pelo uso de um nome fictício para esse pequeno município com o objetivo de não permitir a identificação do local onde nossos entrevistados atuaram, dificultando que sejam reconhecidos, pois trataram em seus depoimentos de temas controversos que poderiam ser fonte de novos conflitos. Atualmente, esse município conta com uma população de aproximadamente 14000 habitantes. A cidade é distante 20 quilômetros da sede do Mobon e fica a 293 quilômetros da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

assim como nos valem de referenciais teóricos sobre as relações entre religião e política, memória e identidade, e formação de lideranças.

Na primeira parte do artigo, analisamos a formação de leigo(a)s para se tornarem lideranças religiosas comunitárias, engajadas no Movimento da Boa Nova (Mobon) e, em um segundo momento, a constituição do diretório do Partido dos Trabalhadores. Na segunda parte, analisamos características e concepções do diretório municipal do PT que se articulam diretamente com o processo de formação religiosa dos leigos. Na terceira parte, analisamos discursos em relação ao período inicial do diretório, em que se evidencia que o “Partido não é mais aquele”, ressaltando características positivas de um período pretérito que teria sido de “união e diálogo”. Na quarta parte, analisamos relatos que evidenciam diferenças entre um PT das “bases” *versus* um “partido inchado e pragmático”. Por fim, tecemos as considerações finais do trabalho.

A formação de comunidades e lideranças no Vale do Rio Doce-MG

O PT rural e eclesial do qual tratamos neste artigo tem em sua configuração importante influência de concepções e práticas religiosas que se sedimentaram em um processo de formação que nos remete à década de 1960. Isso foi, especialmente, relevante para a primeira geração de petistas que fundaram diretórios municipais durante a década de 1980 (RABELO, 2019).

A Igreja Católica realizou entre 1962 e 1965 o Concílio Vaticano II, reunindo em Roma mais de dois mil bispos e centenas de teólogos em busca de novas orientações pastorais, dentre elas destacamos a orientação para maior proximidade e corresponsabilidade entre clero e povo, presente em parte das resoluções fruto do Concílio (MAINWARING, 1989, p. 63).

No Brasil, os bispos reafirmaram as propostas do Vaticano II por meio da aprovação de um documento intitulado Plano Pastoral de Conjunto (1966). Segundo a CNBB, o Plano “preparou terreno propício para uma ampla renovação na linha do Vaticano II” (CNBB, 1966, p. 9). Vale ressaltar também que, na América Latina, os ecos conciliares soaram por meio da Conferência Episcopal de Medellín (1968), onde a Igreja latino-americana teria consolidado sua “opção preferencial pelos pobres” a partir de uma teologia voltada para a realidade do continente.

No final da década de 1960, em consonância com esse processo de mudanças no catolicismo, foi formado em Minas Gerais um grupo religioso que se denomina Movimento da Boa Nova (Mobon). Sua dinâmica centra-se na promoção de cursos católicos para leigos com o objetivo de fornecer-lhes conhecimentos bíblico-religiosos e formação de lideranças estimuladas a viverem organizadas em comunidades religiosas com laços de solidariedade mais estreitos.

Investia-se na formação de lideranças com o propósito de que estas pudessem atuar na organização e coordenação de práticas religiosas nas comunidades católicas que o Mobon se propunha a formar. No curso de Boa Nova ao Evangelho, ministrado em 1970, trabalhou-se o seguinte conteúdo a respeito de comunidade:

- A vida comunitária é de importância capital
- O homem não vive isolado.
 - O cristianismo exige vida comunitária
 - Os convertidos precisam do apoio da comunidade
 - A fé necessita de ambiente: de vida, de diálogo, de comunidade.
- Vantagens de Comunidades Pequenas
- Conhecimentos profundos
 - Todos tem sua vez.
 - Amizade
 - Valorização da pessoa
 - Sentido mais profundo da vida
 - A comunicação é mais autêntica.
 - A comunidade é estímulo para o homem.
 - Faz crescer em forças desconhecidas.
 - Leva o a se expandir.
 - Dá-lhe disposição e otimismo para o trabalho⁵.

Nesse material do Mobon é reforçado que a comunidade é fundamental para a vivência do cristianismo. Sendo esta, inclusive, uma exigência do cristianismo àqueles que desejassem ser verdadeiramente católicos: os “convertidos” precisam da comunidade. Nas comunidades haveria “ambiente de vida” e “diálogo”. Relações interpessoais são estimuladas sob o argumento de que o homem “não vive isolado”.

As interações sociais nas comunidades eram maneiras importantes das pessoas compartilharem visões de mundo propaladas pelo catolicismo. Afinal, nessa perspectiva, o catolicismo deve buscar interferir nas ações “deste mundo”, sendo a religião, desde a antiguidade, um componente fundamental dos mecanismos identitários da sociedade (CARVALHO; BORSTNER, 2010). As relações comunitárias e os cursos a ela atrelados eram relevantes para a formação de uma identidade religiosa e política específica.

Nesse sentido, as lideranças nas comunidades tinham papel essencial, como se pode perceber no curso intitulado Coordenador de Comunidade, de 1982, no qual são passadas instruções importantes para lideranças do Mobon:

1. Seja você mesmo.
2. Não seja covarde.
3. Não atrapalhe a Comunidade.
4. Vendo que não dá, peça para sair.
5. Não esconde seu dom.
6. Não seja comodista.
7. Procure não cansar a Comunidade.
8. Seja prudente no falar.
9. Não dê ouvidos à fofoca⁶.

⁵ O conteúdo deste curso foi copiado do material de estudo de uma líder religiosa chamada Cora Furtado de Melo que, gentilmente, nos cedeu seu caderno com anotações dos cursos do Mobon que já participou.

⁶ Material de Cora Furtado de Melo.

As características ressaltadas como importantes para as lideranças comunitárias são fundamentais para vivências coletivas, além das religiosas, constituindo-se como princípios de ação política e de civilidade. Características como ser “prudente na fala” e “não dar ouvidos a fofocas” são válidas para a vivência comunitária, mas também para uma série de cargos públicos. Valoriza-se a autenticidade (“seja você mesmo”), transparência (“não esconde seu dom”), a coragem (“não seja covarde”) e outros. Muitas dessas características são fundamentais para que lideranças se sustentem como tais, pois a legitimidade do exercício de suas funções é algo de frequente avaliação do grupo em que estão inseridos (MELUCCI, 1996).

No caso do Mobon, as lideranças precisavam mostrar potencial de mobilizar a comunidade religiosa e coerência religiosa, tanto junto aos moradores da comunidade, como aos párocos e missionário do Mobon. Párocos e missionários são agentes externos ao cotidiano do espaço comunitário, mas, nem por isso, menos influentes porque a legitimidade junto a agentes é imprescindível no intuito que tivessem respaldo para exercerem a liderança.

Tratando da importância do espaço comunitário para a dinâmica dos movimentos sociais, Melucci (1996) acredita que as relações sociais em grupo são fundamentais para a formação de lideranças:

a existência de uma rede de associações ou comunidade facilita a emergência de uma liderança. Porque uma rede de filiações e socialização pode prover um treinamento onde as habilidades necessárias para a emergência de uma liderança podem ser aprendidas, e porque essa rede pode lhe fornecer recompensas na forma de solidariedade e valores, o que encoraja o líder a assumir os riscos associados com sua posição (MELUCCI, 1996, p. 335).

Nos cursos do Mobon, as falas eram estimuladas, os atores se viam sociabilizados nos estudos religiosos e desenvolviam habilidades de argumentação. Nesse contexto, houve organização de comunidades e uma rede de lideranças que marcavam uma relativa descentralização da paróquia e transmissão de poderes às lideranças religiosas leigas em contexto local. Essas interações sociais nas comunidades se tornaram decisivas nas trajetórias dos agentes sociais que dela participavam e são lembradas como fundamentais para a construção de uma sociedade melhor.

À vista disso, Halbwachs (1990) pondera que os grupos sociais têm papel fundamental na formação da memória, devido às suas lembranças compartilhadas nos processos de relações sociais ao longo do tempo, sendo que:

os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós. Assim, os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. Essas lembranças estão para ‘todo mundo’ dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. Dos segundos, daqueles que não podemos nos lembrar mais à vontade, diremos voluntariamente

que eles não pertencem aos outros, mas a nós, por que ninguém além de nós pode conhecê-los. Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós. (HALBWACS, 1990, p. 49).

As concepções de Halbwacs (1990) reforçam o quanto os encontros e reencontros frequentes nos cursos e comunidades reforçam uma memória comum entre os agentes, trata-se de uma memória religiosa imbricada num processo relevante de relações sociais. Como essas pessoas falavam dos cursos a cada dia e estes lhe eram de muita importância, procuramos demonstrar que a memória e aprendizados religiosos foram fundamentais também na configuração do grupo político.

Nesse cenário, da década de 1970, estavam formadas lideranças comunitárias por meio de dezenas de cursos com intensa identificação comunitária, relevante habilidade de fala e capacidade de mobilização coletiva. Estava formado um grupo coletivo disposto à militância religiosa e política, conforme veremos no próximo tópico.

O PT rural e eclesiástico

A paróquia de Miraflores que, desde a década de 1970, contava com a atuação de Padre Jesus; um entusiasta dos cursos e da atuação de lideranças nas comunidades. Tratava-se de uma paróquia alinhada às proposições do Concílio Vaticano II. Tal processo não se dava sem tensões, pois alguns agentes católicos, alinhados às diversas relações de poder locais, se mostravam insatisfeitos com as novas configurações do catolicismo no município. Dessa forma, tanto a nova lógica de organização das comunidades quanto as novas lideranças que se estabeleciam estavam longe de ser unanimidade nessas comunidades católicas.

Em um dos momentos de enfrentamento mais explícito, leigos contrários aos propósitos do padre procuraram o bispo da Diocese para falar que tinham interesse que o pároco deixasse a paróquia. Segundo o pároco, depois dessa reunião ele teria se encontrado com o Bispo e este teria dito para que ficasse tranquilo: “Dom José se encontrou comigo no corredor do Seminário e me animou dizendo: não se assuste, Pe. Jesus. Tudo é politicagem”⁷.

Naquele contexto, o pároco procurava passar uma imagem de distanciamento das disputas locais, o que nem sempre era percebido pelos leigos que desejavam sua transferência. Uma liderança local, José Maria⁸, relata o posicionamento do padre em relação à política partidária no início da década de 1970⁹:

⁷ Livro do Tombo da Paróquia de Miraflores, nº 3, página 7. 25 de fevereiro de 1971.

⁸ Participa dos cursos do Mobon desde início da década de 1970. Coordenou comunidades, foi coordenador-geral da paróquia, membro fundador do PT, exerceu cargo de vereador entre 1996 e 2000.

⁹ Grifos nossos, feitos com objetivo de destacar partes das falas. Em outras citações, o grifo também é nosso.

Eu até me lembro do Padre Jesus, que morreu há pouco tempo. Eu me lembro uma vez que ele falou assim ‘a política é que, nós cristãos, não podia nem passar perto de um palanque’, nossa Senhora, era tão sujo o negócio. E a Igreja estava tão separada que eu me lembro que ele falou numa reunião com nós. ‘Olha, se você vê um palanque lá, você passa longe, que nem perto você pode passar’, quer dizer o negócio é tão sujo que não pode nem passar perto¹⁰.

A política era considerada algo “sujo”, com a qual os cristãos não deveriam se envolver. Nesse sentido, ao estudar eleições municipais, Palmeira e Heredia (1997) mostraram que a política é identificada com divisão, ao contrário da participação religiosa que estaria relacionada à união de todos para “fazer o bem”. Também nesse sentido, ao analisar as relações entre religião e política, Coutrot (1996) afirma que não é por acaso que o engajamento político repugna a tantos católicos:

sob a luz do ensinamento sobre a unidade em Cristo, eles adquiriram a certeza de que a paz entre os homens, a reconciliação e a união eram valores supremos, diante dos quais o combate político, que implica confrontos e lutas, aparece como um mal, um lugar onde se ‘sujam as mãos’ (COUTROT, 1996, p. 336).

Essas parecem ser as concepções de Padre Jesus, que estimulava as lideranças católicas a deixarem suas funções políticas:

O Padre Jesus entrou em Miraflores em 1970. Na mesma época que eu fui candidato a vereador¹¹ e entrei na Igreja. Aí ele falava assim que gente de Igreja não era para entrar na política, então eu afastei de política como candidato. Continuei na política, mas como candidato não¹².

A distância da política partidária é uma menção frequente a respeito de Padre Jesus, bem como a concepção de que se tornava mais influente no município à medida que formava mais lideranças e comunidades. Em fins da década de 1970, Miraflores tinha mais de cinquenta capelas espalhadas com grande contingente de lideranças supervisionadas pelo Padre.

Por outro lado, movimentos mais amplos apontavam para um maior entrelaçamento entre catolicismo e política. No processo de redemocratização, no início da década de 1980, muitas lideranças de Cebes foram relevantes na formação de diretórios do PT e muitas cartilhas e informações propaladas por agentes da Igreja Católica enfatizavam o “voto consciente”, concepção que fortalecia representações e práticas presentes no Partido dos Trabalhadores (NOVAES, 2002).

No contexto de redemocratização, a visibilidade adquirida pelas lideranças religiosas pelos trabalhos nas comunidades e a concepção religiosa que enfatizava a mobilização social pela

¹⁰ Entrevista concedida por José Maria, em janeiro de 2011.

¹¹ João Santos era um caso raro de liderança religiosa comunitária, que já tinha liderança político-partidária consolidada naquele momento, como mostrarei adiante.

¹² Entrevista concedida por João Santos, em janeiro de 2011.

melhoria da sociedade, emanada pelo Mobon e grupos religiosos progressistas, contribuíram para as mobilizações das lideranças locais (OLIVEIRA, 2012; RABELO, 2019). Em nova configuração, o padre decidiu mobilizar lideranças para participarem mais ativamente das eleições:

quando foi em 82 ele mesmo me incentivou a voltar, ele pediu pra não entrar mais e incentivou a voltar de novo. Aí ele falou que se os melhores não entrarem, os piores vão ficar mandando, só mandando. O Padre Jesus mudou de ideia, pensou que não pode ser assim não. Fui o segundo mais votado, morava na roça ¹³.

O estímulo à participação política passava pelo argumento de que se as pessoas *melhores* não ocupassem os cargos políticos, *os piores* ocupariam. Os *piores* eram os políticos do município pouco ativos nas atividades religiosas, ou seja, pessoas que não eram da confiança do padre. Os *melhores* eram as lideranças religiosas, pessoas de sua confiança, participantes e ministrantes dos cursos do Mobon.

A definição de *melhor* e *pior* era orientada por critérios religiosos e morais, sendo a perspectiva do pároco fundamental para direcionar o engajamento desses atores na política partidária. No município de Miraflores, o diretório municipal do PT foi formado, basicamente, por lideranças religiosas do Mobon, que possuem algumas características comuns, conforme Oliveira (2012, p. 191):

Quadro 1 - Características das lideranças religiosas de Miraflores-MG

São oriundos de famílias numerosas do meio rural.
Suas famílias trabalhavam como meeiros ou possuíam pequena propriedade.
Herdaram grande respeitabilidade familiar. São reconhecidos por serem de boas famílias, não pelas posses, mas pela honestidade nos negócios e vida religiosa ativa.
Reconhecidos por serem pessoas trabalhadoras.
Conhecidos pela função importante que exerciam como líderes na comunidade.
Vistos como pessoas de famílias que sempre ajudavam a comunidade.
São destacadas como pessoas muito éticas e dedicadas ao trabalho pela família e comunidade.

Fonte: Oliveira (2012).

Muito do capital político dessas lideranças foi constituído pela atuação junto às comunidades religiosas. São campos distintos em que a transmissão de capital de um ao outro é possível, embora não seja automática, pois nem sempre o acúmulo de capital em um campo redundava em sucesso no outro (BOURDIEU, 2005). Nessa pesquisa, este trânsito de um campo ao outro foi efetivo para diversos agentes. São pessoas que tinham reconhecimento nas comunidades, consideradas honestas e de confiança que cuidavam bem de suas famílias. Esse reconhecimento vinha, também, da credibilidade de suas famílias, que eram muito respeitadas como sendo constituídas por pessoas honestas e trabalhadoras, sendo a maioria, lavradores:

¹³ Entrevista concedida por João Santos, em novembro de 2009. Ele Participa dos cursos desde o início da década de 1970. Foi coordenador de comunidade. Primeiro candidato a prefeito pelo PT, no município.

Tabela 2 - Profissão dos eleitos para o diretório do PT de Miraflores-MG

Profissão	Nº	Percentual
Lavrador	15	71,4%
Professora	4	19,0%
Cabeleireiro	1	4,8%
Estudante	1	4,8%
Total	21	100%

Fonte: Livro de atas de reuniões do PT, 05 de abril de 1987, p. 2.

Com exceção de um cabeleireiro do centro da cidade, todos os homens eram lavradores. As mulheres eram em menor número; quatro eram professoras e uma estudante. Elas cuidavam mais da burocracia do partido, não tendo papel decisivo nas principais decisões. Era um diretório constituído de pessoas “da base”, advindas de cursos religiosos e vivências comunitárias. Dessa maneira, podemos ver como muitos dos agentes em questão foram do Mobon ao PT ou, em outros termos, a constituição e fortalecimento de espaços comunitários e o redirecionamento da religiosidade católica foram decisivos para a projeção de lideranças no espaço político/institucional.

Esse diretório, em consonância com aqueles da década de 1980 (AMARAL, 2013), tinha nos núcleos de base a fonte de recursos financeiros: “foi colocado o problema das finanças, o pagamento de alguns meses atrasados e a taxa que (alguns) os núcleos vão passar ao Diretório o Diretório Municipal e este vai passar ao Diretório Estadual”¹⁴. Era também principal espaço de recrutamento de militantes para o partido: “após as notícias dos núcleos, um outro assunto importante foi discutido: o interesse de algumas pessoas ingressar no PT. Houve a ideia de ouvi-las, saber por qual motivo desejam filiar neste e qual o seu objetivo depois e filiado”¹⁵. O partido estava estruturado em torno dos núcleos de base, populares bancavam o partido com suas doações e também procuravam pessoas com perfil para o partido, selecionando-as e inquirindo sobre as motivações para ingressarem no PT.

Percebemos que no Diretório de Base, os núcleos de base tinham como grupo principal pessoas das Comunidades Eclesiais de Base, isso facilitava a “nucleação” de pessoas no meio rural e era imperioso naquele contexto interiorano, mas também em grandes centros (MENEGUELO, 1989; AMARAL, 2013; BEZERRA, 2019).

A importância dos núcleos de base era lembrada, fortemente, nas atividades do PT. Em 1986, numa entrevista ao Boletim Nacional do PT, Lula afirmou:

No dia em que o PT esquecer a nucleação como fator determinante de sua sobrevivência, ele se acaba enquanto partido político. A questão do núcleo é tão importante que, se nós não levarmos muito a sério, a gente descaracteriza a proposta

¹⁴ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 1, p.38. Data 28/09/1987.

¹⁵ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 1, p.38. Data 28/09/1987.

do partido. Quer dizer: o PT não pode discutir política apenas de quatro em quatro anos, nas épocas de eleições. Isso, qualquer partido faz (LEMOS, 1986, p. 11).

Era um partido que procurava construir sua identidade na diferença em relação aos outros partidos, uma delas era a participação popular e a discussão política continuada. Para Reis (2010), o aparecimento do PT foi a grande novidade da história partidária brasileira em que se destacava a liderança de Lula e articulação como movimentos sociais e Igreja Católica, que estavam comprometidos com princípios éticos e ideológicos. O grupo do Diretório local estava formado nessa perspectiva político-ideológica diretamente vinculada aos simbolismos religiosos dos grupos católicos progressistas.

Quando o Partido “não é mais aquele”

Na primeira eleição em que o PT participou em Miraflores (em 1988), lançou candidato próprio, compondo uma terceira força política do município, mesmo sabendo de pouca chance de vitória. Perder eleição sem alianças com políticos antigos do município era uma forma de participar de eleição, mantendo princípios do partido. Eles elegeram três vereadores, lideranças religiosas das CEBs.

Nas eleições de 1992, um dos vereadores se candidatou a prefeito e foi o segundo colocado. Foram eleitos quatro vereadores do PT e o partido já demonstrava ser uma importante força política local. Em 1996, foi eleita uma liderança religiosa, de uma comunidade rural, para administrar a prefeitura. Tratava-se da primeira vez que o PT elegia o prefeito do município e, nacionalmente, o partido já contava com diversos governadores e Lula se estabelecia como grande nome do partido, ficando em segundo lugar nas eleições presidenciais de 1994.

Localmente, como a maior força política era oriunda das Cebes, alguns militantes acreditavam que as comunidades seriam decisivas e participariam de todos os passos que a prefeitura daria dali em diante, afinal o partido se formara com princípios participativos. Por outro lado, as dificuldades para que isso acontecesse podem ser vistas nas reuniões do diretório do partido e já nos primeiros dois meses lamentava-se o esquecimento dos primeiros filiados:

A companheira Sonia falou da dificuldade de soltar um boletim agora no início. E que às vezes não dá tempo de reunir a comunidade para tomar uma decisão. Em seguida o companheiro Delcides (Vai-Volta) falou que o destino da comunidade não pode ser decidido por poucas pessoas [...]. A companheira Matilde disse que é importante o boletim informativo para informar os problemas gerais porque o povo está cobrando e está querendo saber. [...] Sobre o diretório falaram do esquecimento dos primeiros filiados, agenda de reuniões do partido e que deve auxiliar com críticas, formar um conselho a nível de município, para participação direta¹⁶.

¹⁶ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 2, p.1. Data: 22/02/1997.

Após um ano de administração, o tema da participação das comunidades continuava como eixo central nas reuniões do diretório do partido:

As comunidades querem participar das decisões, mas não estão sendo ouvidas como prometido. Foi sugerida uma reunião do diretório com o prefeito para o dia 11 de Janeiro. Depois dessas discussões foi colocada a proposta de um calendário para as reuniões nos setores para avaliação do ano de 98, Partido e Administração¹⁷.

Theije (2002) ressalta que um dos temas importantes das comunidades de base é a ênfase que ela dá às relações horizontais, ao contrário daquelas em que se estabelecem relações verticais, muito embora haja dificuldade para ser colocada em prática. A vitória eleitoral colocava essa questão de forma explícita, pois lideranças municipais do partido foram formadas nas comunidades de base, onde estavam os núcleos que recrutavam filiados e recursos financeiros.

Outra questão é que, diante dessas dificuldades, o diretório considerava que críticas de membros do partido não seriam razoáveis e convocavam correligionários a trabalharem como bombeiros, acalmando os ânimos e legitimando as ações do prefeito:

a companheira Maria das Graças falou que prefeitura não ganha política, o que ganha é o trabalho organizado de bases e citou exemplos de prefeituras do PT que fizeram um ótimo trabalho e que não ganhou a eleição. O vereador Argemiro pediu aos companheiros mais compreensão e que parassem de criticar considerando que foi feito um plano emergencial levantando as prioridades de todas as comunidades e que dentro das possibilidades alguma coisa está sendo feito. [...] Pediu aos companheiros que diante de tantos problemas e dificuldades que o partido e a administração estão passando devemos trabalhar como ‘bombeiros’¹⁸.

A dinâmica administrativa revelava grande dificuldade na relação entre a direção da prefeitura e as “bases”. Era um momento em que o partido estava se amoldando aos desafios de administrar a prefeitura. Diante das dificuldades era comum alguns apontarem como solução o retorno às “bases”:

Em seguida foi feita uma pequena avaliação onde foram feitas as seguintes ressalvas: crise na militância, na administração, divisão do partido. Para tentar resolver todos os problemas foi levantada a questão da necessidade de valorizar e criar os núcleos de base, valorizar o partido como ponto de partida para um melhor desenvolvimento entre partido-administração.¹⁹

Essa era uma preocupação local que estava atrelada a questões nacionais do Partido: “atualmente, nossos núcleos de base são poucos e, na maioria das vezes, precários, havendo

¹⁷ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 2, p. 26. Data: 22/02/1998.

¹⁸ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 2, p.3. Data:04/04/1997.

¹⁹ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 2, p.12.Data:05/07/1997.

uma enorme distância entre os nossos desejos e a realidade [...]. Os núcleos estão abandonados. Devemos reconstruí-los como a principal base e característica do partido” (PT, 1998, p. 350).

O momento de ascensão do PT ao poder municipal é um marco da divisão desse grupo comunitário, religioso e político, trazendo consequências para como o processo vivido por esses atores é interpretado e lembrado, apresentando divisões significativas. Como contraponto à crescente institucionalização do PT e ação pragmática para a manutenção do poder conquistado, emergiu uma memória que valoriza as antigas relações comunitárias e horizontais. Os núcleos de base são lembrados como espaços políticos que mereceriam maior atenção e estariam sendo traídos pelas novas práticas.

Constantemente, comparava-se a atuação na prefeitura com os grupos religiosos do município que faziam parte da comunidade de base. Essa questão de 1997, atualmente, surge em quaisquer conversas com petistas da década de 1980, no município. Muitos deles acreditam que o partido só tem força quando funciona “na base”. Trata-se de um grupo que tem lembranças saudosas de um “partido de gente de comunidade”. As pessoas precisavam explicar os motivos para ingressar no partido, ou seja, havia um cuidado ao receber novos membros, buscando a valorização das relações de solidariedade e confiança como prioridade.

Há lembranças de um período de muita confiança e identificação entre os filiados em que estariam correlacionadas suas participações nas comunidades, na paróquia, no Mobon e no PT. Nesse sentido, como entende Pollak (1992), temos disputas pela identidade do grupo, diante das diversas lembranças sobre os elementos para sua unidade, continuidade e coerência:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Isso diz muito sobre aquele grupo que desejava coerência do partido com suas formações religiosas. Trata-se da memória de um grupo específico, em uma sociedade em que as memórias coletivas são tão numerosas quanto às unidades que compõem a própria sociedade (POLLAK, 1989, p. 12). Assim, essa memória de uma coerência com as “bases” é fundamental para a compreensão das lógicas do diretório partidário.

O PT das “bases” *versus* “partido inchado e pragmático”

O início dos anos 2000 foi um período de importantes decisões para o diretório local. De um lado, esperava-se continuar ganhando, para isso é necessário um partido com muita gente e aliado a diversos outros grupos políticos. De outro, esperava-se um partido com apenas pessoas de confiança, com consciência política e pouco disponível para aliança com outros partidos. Bourdieu (2007) afirma que uma das lutas mais constantes nos partidos se dá entre

um grupo que reclama pelo regresso às raízes mantendo sua coerência intelectual e outro que procura incessantemente o alargamento da clientela para o sucesso eleitoral.

Isso aconteceu fortemente no diretório local. Em alguns casos, houve desconfiança de que havia pessoas no partido que não representavam seu propósito original de mudança política:

Sr. José Maria chamou atenção para o fato de as pessoas que às vezes fingem estar no PT para apanhar favores do prefeito. Eli Chabudé alertou sobre as falsidades que existem dentro do próprio partido. As pessoas devem inspirar confiança²⁰.

Samuels (2008, p. 311) mostra que o partido ficou mais moderado, porque “teve sucesso em atrair *novos* apoiadores para os quais a ideologia é um aspecto insignificante para o seu petismo”. As lideranças mais antigas passaram por formações que inculcaram princípios morais de ação e reflexão, o que não se repetiu com grupos que depois foram se agregando.

O partido agregar maior número de pessoas e fazer alianças com novos agentes, sem a identificação comunitária inicial, potencializava o sucesso político. Entretanto, muitos agentes consideravam que essa forma de atuar do partido destoava da qualidade que possuíam anteriormente:

o partido dos trabalhadores nosso, ele inchou, então perdeu as raízes, de certa forma cresceu, muita gente que era do lado contrário passou, aderiu ao partido, só que hoje já mudou, não é mais aquilo que era. A gente tinha tempo pra conversar, por exemplo, quando a gente perdeu, o Antenor Carlos perdeu, a gente perdia junto, a gente ficava do mesmo jeito, hoje a gente tem a Prefeitura na mão, e não é do mesmo jeito, então deu uma esfriada²¹.

O “tempo da comunidade” em que se poderia conversar sobre a religião e a sociedade estava se tornando mais escasso, em detrimento do tempo das decisões rápidas dos dirigentes das prefeituras, que nem sempre eram coerentes com os propósitos dos agentes comunitários. Há uma memória saudosa de “outro tempo”:

Por exemplo, eu era filiada e hoje nem continuei mais na filiação, então hoje eu estou neutra, sou eleitora só, apenas eleitora, sem ter aquela animação pra fazer ação, pra convidar, procurar as pessoas e dizer: ‘Olha, você vota, por causa disso’, coisa que a gente não tem coragem de falar mais, porque antes a gente tinha essa certeza, mas passou o tempo, e envolveu tanta gente, já encheu tanto que não são aquelas pessoas que você confia mais, são outras pessoas²².

Mesmo entre petistas convictos, como Dora, a animação havia declinado. A motivação para convidar outras pessoas e tentar ganhar mais votos foi diminuindo de modo que não se

²⁰ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 3, p.18-19. Data:13/03/2002.

²¹ Entrevista concedida por Dora, em janeiro de 2011.

²² Entrevista concedida por Dora, em janeiro de 2011.

tem coragem de falar mais. As relações de conhecer no face a face foi diminuindo, bem como a confiança em agentes do partido. Ela se via como participante ativa na campanha do partido e, hoje, se coloca na categoria de “apenas eleitor”.

Nesse sentido, Amaral (2013) demonstra que o partido se tornou mais inclusivo ao abarcar maior número de pessoas e fazer alianças com outros partidos. Não obstante, a intensidade da participação de militância se tornou menor. Nossa entrevistada era alguém que se via como ativa em todo o processo e depois se via como uma eleitora “comum”.

Sua atuação pretérita se tornou algo importante em sua memória. Pode-se afirmar que uma pessoa ao lembrar-se de algo, reconstrói eventos, imagens, sentimentos que foram ‘experimentados’, ou melhor, ela os reexperimenta, vivencia de modo diferente, antes no passado, agora no presente: a vida é reconstruída, representada a partir de novos repertórios. Nas palavras de Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho [Bergson], é trabalho [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição (BOSI, 1994, p. 55).

No caso específico tratava-se de uma militante que se sentia isolada e distante da administração, ao contrário da união de sua militância política partidária. Outra jovem que participou do processo de formação do PT, Maria Esperança, filha do primeiro presidente do diretório do partido, argumenta no mesmo sentido. Ela acredita que há uma grande diferença entre os agentes que se engajaram no partido depois que este estava consolidado e aqueles do período inicial:

esse novo PT que começou, não foi da mesma formação do processo de luta. Esse pessoal já vem de um PT, um processo vitorioso, o trabalho é um trabalho de campanha normal né, mas o processo de formação eles não passaram, não têm uma base sólida e essas pessoas o PT perde com facilidade²³.

Segundo Maria Esperança, a geração de pessoas formadas nas comunidades, organizadas pelo Mobon, não mudariam de partido com facilidade:

então se você for conversar com aquelas pessoas que vêm desde o início, que não são poucas, elas não vão mudar de ideia, por mais que elas se decepcionem, elas não vão mudar de lado, porque são pessoas que têm aquela base, só que se esqueceu de preparar os próximos²⁴.

Para Rabelo (2019), há uma geração de pessoas que não saem do PT e mesmo quando isso acontece, o PT “não sai delas”. São pessoas que passaram por importante processo de

²³ Entrevista concedida por Maria Esperança, em janeiro de 2011.

²⁴ Entrevista concedida por Maria Esperança, em janeiro de 2011.

formação religiosa e política e que percebem a mesma como uma missão cristã de “fazer o bem comum”.

Nessa perspectiva, percebe-se um reforço da identidade de um grupo original. É nesse sentido que Bosi (2003) trabalha a formação de identidade relacionada à memória, afirmando que elas precisam ser narradas para serem compreendidas: a rememoração torna-se uma narrativa em que o narrador - e os demais ouvintes - tomam consciência de suas vidas, revelando assim, por meio da transmissão de experiências vividas e de influências comportamentais do presente, uma identidade. Assim, trata-se de um grupo que tem consigo uma narrativa bastante coerente com suas vivências comunitárias.

Muitos argumentos em relação ao PT local se reproduzem no partido em cenário nacional: os debates a respeito da mudança de postura quando se assume o poder, os problemas trazidos pelas alianças partidárias, a instrumentalização do partido para fins de eleição – sem identidade ideológica –, a participação popular na administração e o problema da formação de novos quadros.

A principal liderança do partido no município atribui outros significados para esse processo. Considera que os cargos são outros espaços de atuação e que com tantas viagens e necessidades administrativas não tinha como participar das atividades religiosas da mesma forma:

Continuo participando, faço muita reunião nas comunidades. Todo ano faço prestação de contas nas comunidades. São quarenta e tantas comunidades e eu passo uma por uma, fazendo prestação de conta em cada uma, o dinheiro que chegou, o que fez, pra onde foi, se não fez porque que não que não foi feito, mostrando de onde veio o dinheiro, qual a origem, qual a fonte. Pra onde ele tá saindo.

Às vezes meu trabalho diminui um pouco (na comunidade) por causa de trabalho de prefeitura porque eu viajo muito, Belo Horizonte, Brasília porque não tem dinheiro e tem que ficar correndo atrás e às vezes muitos trabalhos da Igreja você perde. Você não tá ali, naquela hora. Mas eu nunca deixei de tá vindo, participar da comunidade, na Igreja. Mas às vezes existem as pessoas, à vezes até companheiro da gente que surge muito. Mas ele quer emprego, algum tipo de benefício que você não pode fazer porque é particular, que não jeito de fazer, que você não tem dinheiro²⁵.

Há uma perspectiva de que o partido mudou porque não consegue fazer tantas reuniões e não tem o mesmo contato interpessoal, mas o prefeito também percebe um processo de mudanças pela sua necessidade de buscar recursos. Nesse caso, as lembranças são mais de estar continuando com o que aprendeu nas comunidades do que um distanciamento. Um ex-vereador do PT lembra de benefícios às comunidades e minimiza críticas, ressaltando o trabalho sério que é realizado:

²⁵ Entrevista concedida por Antenor Carlos, em outubro de 2010.

Sabe, de fato fazemos uma política séria em Miraflores, porque a política não é feita de compra de votos, não é prometendo nada, o cara que é prefeito os três mandatos nem sabe fazer política. Ele é simples demais da conta, é a liderança que faz, é o povo que faz mesmo²⁶.

Assim, argumentam que venceram três vezes (1996, 2004 e 2008), pois estavam no caminho certo, beneficiando o povo. Não é uma fala que contradiz a necessidade da coerência e das relações estreitas como as bases, mas há maior ênfase eleitoral. A volta às bases não deixa de ser importante, mas há foco em se manterem no poder para poderem direcionar as políticas públicas para os mais pobres. Desse modo, José Maria afirmou em reunião do partido: “o importante não é só ganhar, o mais importante é continuar ganhando, e trabalhando com entrosamento entre executivo, legislativo e povo e isso está muito falho na administração”²⁷.

A narrativa de parte dos militantes que valorizava as práticas originais, de base, mais horizontais, é contrastada com as práticas e os discursos daqueles que buscavam justificar sua inserção institucional, respaldados na necessidade de atuação centralizada, rápida e eficaz, valendo-se dos instrumentos necessários para a continuidade do controle do PT sobre os rumos das políticas públicas no município.

Nesse contexto, a ação de parte dos militantes do partido se descolou também da dinâmica dos grupos sociais e comunitários dos quais se originaram pela inserção em novos grupos sociais, com os quais tiveram maior contato em decorrência da penetração no campo institucional.

Este grupo de maior acesso ao poder institucional, à medida que se distanciou das bases, passou a lidar com o passado de forma diferente. Como demonstrou Halbwachs(1990), a memória é formada socialmente, articulada no presente, selecionando o que será lembrado e mudando seu significado de acordo com os “quadros sociais de memória” nos quais os indivíduos estão inseridos. Assim, dependendo dos grupos sociais aos quais os indivíduos estão integrados, sua relação com o passado pode se transformar substancialmente, muitas vezes, no sentido da justificação de seus valores e condutas mais atuais.

Segundo Pollak (1992), a memória está fortemente relacionada com as disputas pela identidade, pois “a construção da identidade (e da memória) é um fenômeno que se produz em referência aos outros [...] por meio da negociação direta com os outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Por isso, as identidades não são elementos essenciais, mas sim frutos de relações entre atores, ou seja, “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais” (POLLAK, 1992, p. 205). Logo, a memória é entendida como um forte elemento de disputa entre os grupos no seu processo de negociação pela constituição de suas identidades, delimitação de adversários e enfrentamento político. Como podemos notar, estava em disputa a identidade do PT naquele contexto, sua relação com a comunidade, a religiosidade, as bases e o poder institucional,

²⁶ Entrevista concedida por João Santos, em outubro de 2009.

²⁷ Ata do Partido dos Trabalhadores de Miraflores, Livro 2, p. 27. Data:11/01/1999. Grifos nossos.

sendo que cada grupo, conforme se delimitava, reforçava os elementos fundamentais de sua interpretação sobre os processos vividos, redefinindo suas memórias em função das identidades em disputa.

Nesse sentido, vale citar Pollack (1992) e sua contribuição relevante sobre a seletividade da memória:

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é em parte herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sobre flutuações, que são o momento em que ela é articulada, em que ela está sendo impressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, 1992, p. 204).

Aquele processo das pessoas “sem interesse” da “comunidade unida” ressaltado pelas pessoas que passaram pelos processos formativos também foi ressignificado por quem ocupava cargo importante na prefeitura, uma vez que os companheiros “sem interesse” também poderiam ter interesse em favores e cargos.

Considerações Finais

Apesar de o Partido dos Trabalhadores ter nas mobilizações em grandes centros urbanos sua origem mais reconhecida, buscamos demonstrar a existência de outros processos de formação, em pequenos municípios, que também foram relevantes para compreendermos suas características e trajetória. Acreditamos que em vários municípios do interior, como Miraflores, a emergência do PT esteve ligada ao redirecionamento de pequenas comunidades religiosas, especialmente de suas lideranças, para as disputas eleitorais. A inserção institucional de parte desses atores provocou fissuras entre seus integrantes, de acordo com suas diferentes posições e perspectivas sobre os vínculos com as bases, a ampliação do partido e a administração pública, produzindo diferentes relações com o passado.

O caso de Miraflores, talvez, reflita o processo vivido pelo PT de forma geral, assim como de outros movimentos que tiveram grande efervescência a partir dos anos de 1970 e 1980 e foram perdendo fôlego nas décadas seguintes, porém ocupando espaços institucionais consideráveis, redefinindo suas identidades. Assim, as memórias sobre o PT rural de Miraflores podem trazer informações interessantes para compreendermos as relações entre movimento e partido, mobilização e institucionalização, comunidade e administração.

Parte dos militantes percebe esse processo como uma grande ruptura, muitas vezes como traição das mobilizações originais do partido, sua negação em prol de novas ambições. Por outro lado, outros atribuem a esse processo um sentido de continuidade, de aprofundamento e complexificação da militância, argumentando que há coesão das novas práticas em relação aos princípios originais, como o combate à pobreza e à desigualdade, por exemplo.

Podemos questionar também se o afastamento das bases é um caminho inevitável de todo movimento que ganha abrangência e ocupa cargos no Estado, assim como podemos pensar se é possível um retorno às bases em uma organização já tão transformada pelas lutas travadas em vários campos ao longo de décadas, com várias gerações de militantes.

Portanto, parece possível existirem sempre memórias divididas, na medida em que diferentes atores experimentam de formas diversas os processos sociais e políticos nas mobilizações, significando o passado de acordo com suas angústias e conflitos atuais, evidenciando as fissuras no processo de rememorar.

Referências

Fontes Documentais

Cadernos de registros de cursos da Sr^a Dona Cora Furtado de Melo (Arquivado na sede Mobon, Dom Cavati, Mg).

Livro de Atas do diretório municipal de Miraflores-MG.

Livro do Tombo da Paróquia de Miraflores-MG.

Tabelas de Votação do Tribunal Regional Eleitoral.

Livros de cursos (sem data):

- Curso de Bíblia
- Curso de Boa Nova
- Curso de Natal
- Curso de Semana Santa
- Fidelidade ao Evangelho
- Iniciação Bíblica
- O Evangelho na Vida
- Políticos Cristãos
- Treinamento e Aprofundamento

Sites

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm.

<http://www.sacramentinos.org.br>.

<http://www.mobon.org.br/>

Bibliografia

- AMARAL, Oswaldo E. As transformações nas formas de militância no interior do PT. Maior inclusão e menos intensidade. **RBCS**, v. 28, n. 82, jun., 2013.
- BEZERRA, Carla de Paiva. Os sentidos da participação para o Partido dos Trabalhadores (1980-2016). **RBCS**, v. 34, n. 100, 2019.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Nacional, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Organização de Sérgio Miceli. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 11. ed. Bertrand Brasil, 2007.
- CARVALHO, Joaquim; BORSTNER, Bojan. “Religions, Identities and Citizenships”, in Ann Katherine Isaacs (org.). **Citizenships and Identities: Inclusion, Exclusion, Participation**. Pisa: Plus-Pisa University Press, 105-138, 2010.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Igreja e Problemas da Terra: Documento aprovado pela 18ª Assembléia da CNBB, Itaiaci, 14 de fevereiro de 1980. 2ª Edição, 1980.
- COUTROT, Aline. Religião e Política. *In: Por uma história política*. Organização de René Rémond; tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEMONS, Rubens. “Entrevista com Luís Inácio Lula da Silva”. **Boletim Nacional do PT**, 16: 11, 1986.
- MAINWARING, Scott. **A Igreja e a Política no Brasil (1916-1985)**. Tradução de Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- MELUCCI, Alberto. **Challenging Codes: collective action in the information age**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MENEGUELO, Rachel. **PT: a formação de um partido, 1979-1982**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1989.
- NOVAES, Regina Reys. Crenças religiosas e concepções políticas: fronteiras e passagens. *In: FRIDMAN, Carlos. Política e Cultura: século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2002.
- OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. **Religião, política e comunidade: emergência e politização do Movimento da Boa Nova**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – UFRRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- PALMEIRA, Moacir. Política, Facções e Voto. *In: PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio. Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria. 1996.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, n. 10, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, nº3, 1989.

PARTIDODOSTRABALHADORES(PT). **Partido dos Trabalhadores**: resoluções de encontros e congressos (1979-1998). São Paulo: FPA, 1998.

RABELO, Livia. **Pelos Olhos da fé**: os dilemas da caminhada de lideranças políticas e religiosas na Zona da Mata Mineira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFV-UFRJ, 2019.

REIS, Fábio Wanderley. Identidade Política, Desigualdade e Partidos Brasileiros. **Novos Estudos**, n. 87, 2010.

SAMUELS, David. A evolução do Petismo (2002-2008). **Opinião Pública**. Campinas, v. 14, n. 2, p. 302-318, nov. 2008.

SELL, Carlos Eduardo. O declínio da Teologia da Libertação: uma releitura de ‘O novo rosto do clero’ de Agenor Brighenti. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo-RS, 27 outubro 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/613974-o-declinio-da-teologia-da-libertacao-uma-releitura-de-o-novo-rosto-do-clero-de-agenor-brighenti>. Acesso em: 29 out. 2021.

THEIJE, Marjo De. **Tudo o que é de Deus é Bom**: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2002.